

A CONCORDÂNCIA VERBAL DE 3ª PESSOA DO PLURAL EM PELOTAS/RS¹

THE VERBAL AGREEMENT OF 3RD PERSON PLURAL IN PELOTAS/RS

Dirce Welchen²

RESUMO: O artigo analisa a concordância verbal de 3ª pessoa do plural com base em entrevistas de 90 informantes que compõem o VarX – Banco de Dados Sociolinguísticos Variáveis por Classe Social de Pelotas/RS –, estratificados conforme gênero, classe social, faixa etária: 45 do gênero masculino e 45 do feminino; 30 da classe social média alta, 30 da média baixa e 30 da baixa; 30 da faixa etária entre 16 e 25 anos, 30 da faixa etária entre 26 e 49 anos e 30 da faixa etária com mais de 50 anos. Utilizamos metodologia quantitativa, a partir da interface Windows para o Varbrul e formulário de codificação de dados. Os resultados mostram que, em Pelotas, há variação de concordância verbal de 3ª pessoa do plural, mas com predomínio do uso da marca, uma vez que existe presença de desinências verbais em 4.317 contextos (de um total de 5.263), perfazendo 82%, e em 945 contextos não ocorrem marcas de concordância, totalizando 18%. Também, constatamos, com base no resultado das variáveis sociais, que há indícios de aquisição de concordância verbal de 3ª pessoa do plural, visto que há um aumento gradual de emprego de marcas de concordância, cuja direção é dos informantes mais velhos para os mais novos, sendo que os mais novos apresentam maiores percentuais e peso relativo de emprego de desinências verbais de 3ª pessoa do plural.

PALAVRAS-CHAVE: Variação Linguística. Concordância Verbal. Pelotas.

ABSTRACT: The article analyzes the variation in 3rd person plural verbal agreement based on interviews of 90 informants from VarX – Sociolinguistics Database Variable by Social Class of Pelotas/RS –, stratified according to gender, social class, age: 45 males and 45 females; 30 of the upper middle class, 30 of the low middle class, and 30 of the low social class; 30 between 16 and 25 years old, 30 between 26 and 49 years old, and 30 over 50 years old. We used quantitative methodology based on the Windows interface for Varbrul and on data encryption form. The results show that, in Pelotas, there is variation in 3rd person plural verbal agreement, but predominating the use of the mark, since the presence of verbal endings occurs in 4317 contexts (of a total of 5263), totaling 82%, and in 945 contexts there are no agreement marks, totaling 18%. We also found that, based on social variables, there is evidence of acquisition of 3rd person plural agreement, since there is a gradual increase in the use of verb agreement marks, whose direction goes from the older to the younger informants, given that the younger have higher rates and relative use of verbal endings of 3rd person plural.

¹O artigo discute resultados da tese de doutorado, particularmente, os relativos à rodada presença *versus* ausência de marca de concordância verbal na 3ª pessoa do plural, deixando para outro momento os resultados da rodada concordância verbal padrão *versus* não padrão. A tese foi apresentada à UFRGS, no ano de 2009, sob a orientação da professora doutora Ana Maria Stahl Zilles e do coorientador professor doutor Luís I.C. do Amaral.

² Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; professora de Produção de Texto, Português Aplicado ao Direito. E-mail: dirce.welchen@unoesc.edu.br.

KEYWORDS: Linguistic Variation. Verb agreement. Pelotas.

INTRODUÇÃO

Os primeiros estudos acerca da concordância verbal de 3ª pessoa do plural datam do início da década de setenta, destacando-se as pesquisas de Naro e colaboradores, particularmente, Lemle e Naro (1977), que, em *Competências básicas do português*, estudaram a concordância verbal de 3ª pessoa do plural, com base na fala de 20 mobralsenses do Rio de Janeiro ou adjacências, e identificaram as variáveis a que o objeto de estudo em questão está associado. A partir dos resultados dessa pesquisa, os autores passaram a defender a tese de perda da marca de concordância no português popular brasileiro. Outro pesquisador de destaque é Guy (1981), que, contrariando a tese desses autores, inclusive baseando-se no mesmo *corpus* utilizado por eles, defende a ideia de que marcas de concordância estão sendo adquiridas de forma gradual e parcial, no português popular. Desde então, muitos outros trabalhos têm surgido sobre o assunto, a partir de diferentes amostras do português: urbanas, rurais, rurbanas, de comunidades quilombolas, etc. Algumas dessas pesquisas defendem a perda da concordância; outras, a aquisição.

Este estudo alia-se aos supracitados, na medida em que visa a contribuir para traçar o panorama geral da concordância verbal de 3ª pessoa do plural no português popular brasileiro, arrolando indícios que possam servir para delinear a direção dessa variação: aquisição ou perda. Nesse intuito, ocupamo-nos da descrição da concordância verbal de 3ª pessoa do plural, em Pelotas (RS), com base nas 90 entrevistas estratificadas do Banco de Dados VarX.

Nossa hipótese é de que a concordância verbal de 3ª pessoa do plural, em Pelotas, está sendo adquirida gradualmente. São sub-hipóteses dessa hipótese: a concordância verbal de 3ª pessoa do plural, em Pelotas, está associada à escala de saliência fônica, de modo que as formas mais salientes apresentam maior probabilidade de concordância; a concordância verbal de 3ª pessoa do plural está associada à classe social (com base na renda, patrimônio, escolaridade e ocupação do informante); a concordância verbal de 3ª pessoa do plural está associada ao gênero do informante; a concordância verbal de 3ª pessoa do plural está associada à idade do informante; a concordância verbal de 3ª pessoa do plural está associada à escolaridade do informante; a concordância verbal de 3ª pessoa do plural está associada à posição do sujeito na frase; a concordância verbal de 3ª pessoa do plural está associada ao tipo

de discurso reportado, pois, com base no que diz Amaral (2002), há mais marcas de concordância verbal no estilo mais próximo do formal ou a relações assimétricas.

A formulação dessa hipótese está subordinada à discussão que tem movido e dividido os sociolinguistas: de um lado, os que defendem a tese de que o português popular brasileiro está adquirindo marcas de concordância verbal; de outro, perdendo marcas.

1 A CONCORDÂNCIA VERBAL VARIÁVEL NA TERCEIRA PESSOA DO PLURAL

A concordância verbal de 3ª pessoa do plural tem sido estudada desde a década de 70, e os resultados exibem um cenário bastante difuso. Naro e seus colaboradores defendem a perda de marcas no verbo nessa pessoa verbal, enquanto Guy (1981) defende a aquisição; mas também há outros trabalhos, a exemplo do de Jung (2000), Monguilhott (2001) e Barden (2004), cujos resultados apontam para a estabilidade no sistema da concordância verbal de 3ª pessoa do plural, não haveria perda nem aquisição.

Começamos pelo estudo de Lemle e Naro (1977) acerca da concordância verbal de 3ª pessoa do plural, não porque foram os primeiros a estudá-la, mas por terem estabelecido as variáveis que são relacionadas a ela e até hoje são analisadas em trabalhos sobre a temática. Os autores, em *Competências básicas do português*, analisaram a fala de 20 mobralsenses (Movimento Brasileiro de Alfabetização, que visava à alfabetização funcional de jovens e adultos) do Rio de Janeiro ou adjacências (Nova Iguaçu, Caxias), dos quais, nove eram mulheres e 11, homens, na faixa etária de 17 aos 50 anos (seis informantes com mais de 40 anos e 14 com menos de 30).

Castilho (1997) frisa que os pesquisadores observaram que a regra da concordância verbal está sujeita a certas variáveis, que são

(i) variável morfológica: quanto maior a saliência fônica da oposição entre a forma verbal do singular e do plural, tanto maior a ocorrência da regra de concordância; (ii) variável posicional: o sujeito imediatamente anteposto ao verbo favorece a concordância; (iii) variável semântica: o sujeito indeterminado desencadeia a concordância com frequência maior que o sujeito determinado; (iv) variável estilística: as situações de maior formalidade favorecem a regra de concordância. (CASTILHO, 1997, p. 252).

Nesse estudo, em que estabeleceram as variáveis para a concordância verbal de 3ª pessoa do plural, Lemle e Naro (1977) chegaram à seguinte conclusão:

[...] a atuação da mudança em direção a um sistema sem concordância verbal foi fundamentalmente fonológica, enquanto que a sua implementação se deu através de uma difusão no eixo da saliência, sendo a principal coordenada a morfológica [...] Assim sendo, a mudança se introduz no ponto zero da saliência e vai se difundindo a contextos cada vez mais salientes. (LEMLE; NARO, 1997, p. 49).

A perda de marcas de concordância verbal no português popular brasileiro teria sido desencadeada pela perda da nasalização final em sílabas átonas, fenômeno que teria se estendido a todas as classes gramaticais, a exemplo do que, na visão deles, aconteceu com outras palavras, como *virgem*, *homem*, *garagem*.

Guy (1981), ao contrário desses autores, compreende que a variável concordância verbal, no português popular contemporâneo, esteja sendo adquirida gradual e parcialmente. Ele chega a essa conclusão com base no mesmo *corpus* de Lemle e Naro (1977), quando reinterpreta a escala de saliência fônica.

Embora Naro e Scherre (1991) tenham proposto perda de concordância verbal no português popular brasileiro, algumas vezes, nem os resultados de seus próprios estudos sustentam essa conclusão. Por isso, ao observarem aumento no uso de marcas de concordância em suas pesquisas, inclusive, entre as mesmas pessoas estudadas em épocas distintas, alegam que há fluxos e contrafluxos na sociedade brasileira, dizendo de outra forma, enquanto alguns falantes aumentam o emprego de marcas de concordância verbal; outros diminuem seu uso.

Mudanças na concordância nominal, na concordância verbal, no sistema gramatical, nos processos fonológicos levam a questionar a sua origem. Para explicá-la, existem teorias distintas. De um lado, está Guy (1981), que acredita na existência de crioulos na formação do português popular brasileiro; de outro, estão Naro e colaboradores, que defendem a ideia da deriva. Atualmente, chamam sua posição de “[...] confluência de motivos: vemos a atração de forças de diversas origens – algumas oriundas da Europa; outras da América; ainda, da África – que, juntas, reforçaram-se para produzir o português popular do Brasil.” (NARO; SCHERRE, 2007, p. 25) Eles consideram que esses fenômenos teriam sua origem unicamente na antiga deriva secular das línguas indo-europeias em geral, e das românicas em particular, em direção a uma gramática sem flexão. Tais estruturas variáveis poderiam ter existido tanto em Portugal quanto no Brasil. A outra corrente, a da criouliização, defende o ponto de vista de que o português do Brasil é totalmente distinto do europeu, em função da presença maciça de

pessoas de origem africana, cujas línguas originárias teriam influenciado o português do nosso país por meio de um estágio hipotético de um *pidgin* ou crioulo de base portuguesa.

A fim de aprofundar essa discussão e arrolar argumentos para sua posição, Naro e Scherre (1993 apud NARO; SCHERRE, 2007) fizeram um retrospecto das evidências históricas das origens europeias da perda de concordância explícita em português, traçando a linha de mudança da época pré-latina ao português pré-clássico. Então, puderam observar que as concordâncias verbal e nominal são variáveis em todo território de Portugal, embora essa variação seja pequena. Salientam, todavia, que o que causou espanto foi o fato de a literatura conter poucas referências sobre essa variação e os próprios linguistas de Portugal negarem a sua existência.

Por fim, Naro e Scherre (2007) salientam que não puderam testar todas as variáveis independentes que já se mostraram pertinentes para o português moderno falado no Brasil, por insuficiência de dados. Mas concluem que a variação na concordância não é um fenômeno do nosso país e que as diferenças nesse aspecto da linguagem são mais uma questão de grau do que de princípios. Na sua visão, o português moderno do Brasil é o resultado natural da deriva secular inerente à língua trazida de Portugal, talvez, exagerado no nosso país, em função da influência de diversas outras línguas.

Tendo discutido os argumentos apontados pelas duas teorias acerca da origem do português popular brasileiro, a proposta de Naro e Scherre, chamada de ‘confluência de motivos’, parece razoável, embora os autores não apresentem argumentos consistentes que a sustentem. Eles alegam que discordam de Guy, porque este defenderia o ponto de vista de que o português popular estaria passando por uma descrioulização de um único crioulo, apesar de Guy não ter defendido essa ideia. Falam em língua geral, todavia com pouca base, pois não apresentam citações de Arion Rodrigues, maior autoridade em línguas indígenas brasileiras. Concordamos, em partes, com a teoria da criouliização defendida por Guy, embora pareça-nos difícil avaliá-la, porque os indícios que apontam para a presença de crioulos podem ser decorrentes de outros fatores linguísticos e culturais/sociais. A hipótese da criouliização pautase em um conjunto de fatores, entre os quais, não podemos deixar de citar as condições de colonização do Brasil, em que entraram em contato falantes adultos de línguas diversas, sem nenhuma língua em comum, como as indígenas, africanas e europeias (português, francês, holandês, alemão, italiano, espanhol); e as diferenças estruturais entre o português brasileiro e o europeu, realçadas pela ampla variação na concordância verbal e nominal, especialmente a de número.

Na seção seguinte, elucidaremos os procedimentos metodológicos utilizados.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Em Pelotas, a realização da concordância verbal de 3ª pessoa do plural é variável, manifestando-se de diversas formas, as quais incluem variantes padrão e não padrão, e ausência de marcas de concordância. Assim, a fim de contemplar todas essas variantes, a nossa variável dependente apresentou oito fatores, os quais aparecem ao lado de exemplos:

0 – sem concordância [ø] – forma não padrão “Aí é as fazendas de tratamento pra drogado” (VarX 19, cód. 4493);

2 – com concordância padrão, presença de ditongo nasal tônico final [ãw] (falarão, vão, são, estão): “Agora estão mantendo a casa da seguinte maneira” (VarX 75, cód. 3329);

3 – com concordância padrão, presença de ditongo nasal átono final [ẽy] (comprem, comprarem, falem, falassem): “Estudem só sobre a matéria” (VarX 37, cód. 4642);

4 – com concordância padrão: presença de ditongo nasal átono final [ãw] (falam, falaram, escrevam): “Começam à meia noite” (VarX 53, cód. 2804);

5 – com concordância não padrão, realização do ditongo nasal átono [ãw] como [ũ] (falarum): “Eles já entrarum nessa coca-cola multinacional” (VarX 30, cód. 986);

6 – com concordância não padrão, realização do ditongo nasal átono [ãw] como [u] (falaru): “E aí vieru faze o teste”. (VarX 38, cód. 2543);

7 – com concordância não padrão, realização do ditongo nasal átono [ẽy] como [ĩy] (estudim): “Como se fossim irmãos”. (VarX 38, cód. 2571);

8 – com concordância não padrão, realização do ditongo nasal átono [ẽy] como [i] sem nasalização (fazi): “Elas fazi excursão. (VarX 1, cód. 1555).

Elencamos oito grupos de variáveis linguísticas: tempo verbal, traço humano do sujeito, saliência fônica, posição do sujeito, tipo de sujeito, discurso reportado e tipo de assunto.

Em relação às variáveis sociais, cabe esclarecer que realizamos análise da concordância verbal, com base nas 90 entrevistas estratificadas do Banco de Dados Varx. Seus informantes estão distribuídos da seguinte forma: 45 do gênero masculino e 45 do feminino; 30 da classe social média alta, 30 da classe social média baixa e 30 da classe social baixa; 30 da faixa etária entre 16 e 25 anos, 30 da faixa entre 26 e 49 anos e 30 da faixa etária com mais de 50 anos.

A escolha por essas variáveis e não por outras teve como critério o que a literatura acerca do assunto tem discutido e considerado importante para explicar a variação nessa pessoa verbal.

Na sequência, descrevemos os resultados e nossa análise a par da literatura sobre o assunto.

3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

A rodada presença *versus* ausência de marca foi realizada com base em um total de 5.263 contextos de 3ª pessoa do plural, nos quais houve marcas de concordância em 4.317, ou seja, 82%; somente em 945 contextos não ocorreram marcas de concordância, o que perfaz 18%. Este resultado permite inferir que, na cidade de Pelotas, fala-se um português em que há variação de concordância verbal de 3ª pessoa do plural, mas com predomínio do uso da marca.

A tabela 1, na sequência, permite visualizar o efeito de todas as variáveis sobre a concordância verbal de 3ª pessoa do plural, com base no Banco de Dados VarX, em Pelotas.

Tabela 1 - Aplicação de concordância verbal, segundo todas as variáveis estudadas

| Variável | Fatores | Aplicação/ocorrências | Percentual | Peso |
|-------------------------|---|-----------------------|------------|------|
| Tempo verbal | Futuro do pretérito indicativo | 13/15 | 87 | 0,60 |
| | Futuro do subjuntivo | 18/21 | 86 | 0,55 |
| | Pretérito imperfeito indicativo | 1520/1947 | 78 | 0,53 |
| | Pretérito perfeito do indicativo | 1210/1366 | 89 | 0,50 |
| | Presente do indicativo | 1447/1733 | 83 | 0,48 |
| | Futuro do subjuntivo | 27/34 | 79 | 0,48 |
| | Imperfeito do subjuntivo | 34/57 | 60 | 0,31 |
| | Infinitivo pessoal | 47/88 | 53 | 0,17 |
| Traço humano do sujeito | Humano | 3654/4197 | 87 | 0,55 |
| | Não humano | 664/1066 | 62 | 0,30 |
| Saliência fônica | Come/comem, fale/falem etc. | 173/240 | 72 | 0,30 |
| | Fala/falam, ia/iam, etc. | 2044/2580 | 79 | 0,40 |
| | Faz/fazem, quer/querem, etc. | 188/261 | 72 | 0,35 |
| | Dá/dão, está/estão, etc. | 325/357 | 91 | 0,66 |
| | Sumiu/sumiram + foi/foram | 334/389 | 86 | 0,57 |
| | é/são, falou/falaram, fez/fizeram, etc. | 1254/1436 | 87 | 0,66 |
| Posição do sujeito | Sujeito anteposto contíguo | 2427/2798 | 86 | 0,58 |
| | SN anteposto não contíguo | 327/405 | 80 | 0,51 |
| | SN posposto | 558/702 | 50 | 0,20 |
| Tipo de sujeito | Sujeito nulo | 1194/1346 | 89 | 0,58 |
| | Numeral | 87/118 | 74 | 0,55 |
| | Pronome reto | 1327/1483 | 89 | 0,53 |
| | Pronome indefinido | 141/161 | 84 | 0,47 |
| | Pronome relativo | 256/295 | 87 | 0,44 |
| | Sintagma nominal | 1294/1825 | 71 | 0,41 |
| | Pronome demonstrativo | 19/28 | 68 | 0,29 |

| | | | | |
|----------------------|---------------------------------|-----------|----|------|
| Discurso reportado | Reportado de pessoa não próxima | 17/18 | 94 | 0,76 |
| | Discurso indireto | 61/63 | 97 | 0,52 |
| | Reportado de pessoa próxima | 30/33 | 91 | 0,42 |
| | Reportado do próprio falante | 27/30 | 90 | 0,35 |
| Assunto | Trabalho intelectual | 331/362 | 91 | 0,60 |
| | Trabalho manual | 584/719 | 81 | 0,55 |
| | Escola | 446/550 | 81 | 0,48 |
| | Família | 889/1076 | 83 | 0,46 |
| | Amigos | 495/594 | 83 | 0,43 |
| Classe social | Média alta | 1576/1762 | 89 | 0,68 |
| | Média baixa | 1984/1605 | 81 | 0,46 |
| | Baixa | 1517/1137 | 75 | 0,32 |
| Gênero* ³ | Mulher | 2520/3038 | 82 | 0,51 |
| | Homem | 1798/2225 | 80 | 0,48 |
| Faixa etária* | 1= 16-20 anos | 778/929 | 83 | 0,52 |
| | 2= 21-25 anos | 579/693 | 83 | 0,52 |
| | 3= 26-37 anos | 709/860 | 82 | 0,50 |
| | 4= 38-49 anos | 871/1099 | 79 | 0,45 |
| | 5= 50-64 anos | 639/774 | 82 | 0,50 |
| | 6= + 65 anos | 742/908 | 81 | 0,49 |

Os resultados da rodada geral apontam vários indícios de que, em Pelotas, há aquisição de marcas de terceira pessoa do plural, confirmando nossa hipótese. E esses indícios podem ser observados com base nos resultados das variáveis faixa etária, classe social, gênero, escolaridade, saliência fônica, posição do sujeito e tipo de discurso. As variáveis em questão têm importância, porque são discutidas na literatura sobre o assunto, permitindo, portanto, comparações, e também em razão do fato de, a par dos resultados de faixa etária, por exemplo, ser possível discutir se determinada variação é estável ou se há mudança linguística na amostra estudada; já a saliência fônica possibilita analisar, no caso de constatada a aquisição ou perda de marcas, se o nível de saliência fônica que diferencia as formas da 3ª pessoa do singular e do plural interfere nessa aquisição/perda de marcas; a classe social poderá indicar se a variável estudada está difundida em todas as classes sociais, ou se se trata de um marcador de classe; o gênero permitirá vislumbrar, quanto ao aspecto em estudo, se existe um dialeto masculino e outro feminino; a escolaridade mostrará os efeitos dos distintos níveis escolares sobre o emprego da concordância verbal de terceira pessoa do plural; posição do sujeito esclarecerá a influência da posição do sujeito em relação ao verbo para o uso de desinências verbais de 3ª pessoa do plural; e por último, o tipo de discurso poderá elucidar se

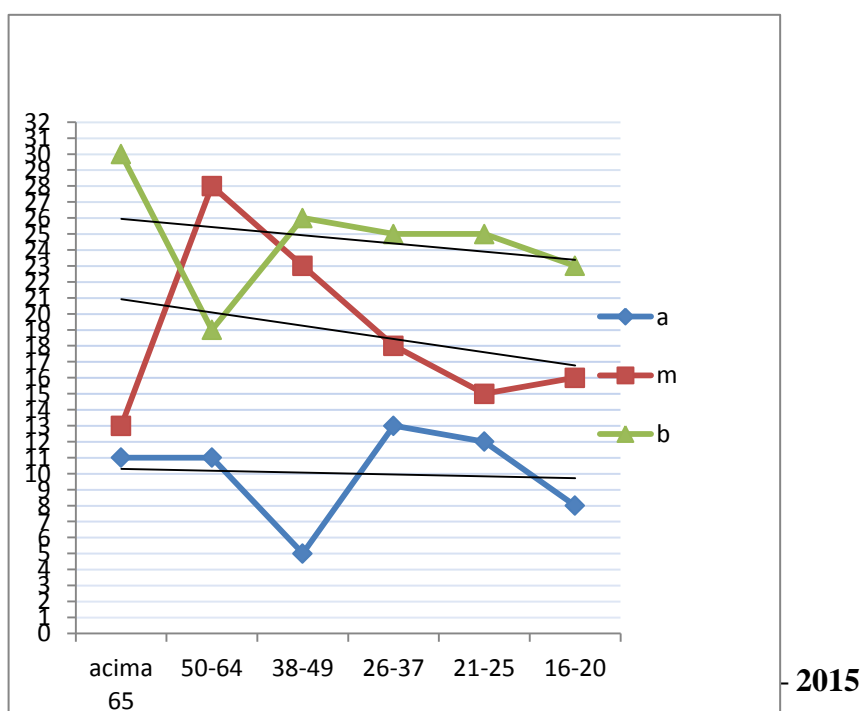
³ As variáveis assinaladas com asterisco não foram selecionadas pelo programa Varbrul, porque não alcançaram significância estatística. Gênero e Faixa Etária apresentam os percentuais e os pesos muito semelhantes, sem que qualquer dos fatores se destaque. Seus pesos estão todos em torno de 0,50, “ponto neutro”, que não favorece, nem desfavorece a aplicação da regra estudada.

o discurso reportado de pessoa próxima e não próxima interfere ou não no emprego de desinências verbais de 3ª pessoa do plural.

Iniciamos a discussão dos resultados avaliando a primeira hipótese, bem como uma de suas sub-hipóteses: *a concordância verbal de 3ª pessoa do plural está associada à idade do informante*. Os resultados da variável faixa etária, os quais constam da tabela 1, não apresentam diferenças significativas entre as faixas etárias mais novas e mais velhas do Banco de Dados VarX. Isso poderia ser interpretado como evidência de que a variação nessa pessoa verbal caracteriza-se como estável: na variante pelotense, desinências de 3ª pessoa do plural continuarão sendo empregadas por alguns, mas nem sempre, e por outros, não; porém, não deixarão de ser usadas variavelmente ao longo do tempo. Ainda assim, acreditamos que, de alguma forma, existam evidências de que esteja havendo aquisição de marcas, e não perda delas, em função de o comportamento linguístico dos mais jovens favorecer levemente a concordância verbal de 3ª pessoa do plural.

Optamos por fazer amalgamações na variável faixa etária e reduzimos as seis idades para três. Mas, os resultados obtidos confirmaram os anteriores: a variável em questão não foi selecionada como significativa pelo programa estatístico, indicando relativa estabilidade no uso de zero nas faixas etárias estudadas, em torno de 18%. No entanto, considerando que a ausência de marca de 3ª pessoa do plural é estigmatizada, investigamos possíveis relações entre idade e classe social, com o propósito de observar o emprego de zero.

Gráfico 1– Cruzamento entre as variáveis faixa etária e classe social em relação ao emprego de zero (em percentuais)



Há uma oscilação em torno de 5% de ausência de marca de 3ª pessoa do plural, em cada classe social, ao longo do tempo. Mas é na classe média baixa que a linha medianizada mostra uma oscilação maior: decréscimo de uso de formas sem desinência na terceira pessoa do plural, à medida que o tempo passa; na classe baixa, essa oscilação é um pouco menor; já na classe média alta, a oscilação é mínima quanto ao emprego de formas zero, nos últimos sessenta anos, além de ficar evidente que é essa classe social a que menos apresenta casos de ausência de desinência. Enfim, o fato de o cruzamento entre as variáveis faixa etária e classe social ilustrar um decréscimo de uso de formas verbais com marca zero, na terceira pessoa do plural, cuja direção é dos informantes mais velhos para os mais novos, pode ser outro indício de que, em Pelotas, a concordância verbal de 3ª pessoa do plural esteja sendo adquirida gradualmente.

Cruzando as variáveis faixa etária e gênero, resultou que, quanto menos idade, menos homens e mulheres empregam a marca zero em verbos de 3ª pessoa do plural. Inversamente, pode significar que estão, cada vez mais, falando português com marca, nessa pessoa verbal.

Até este ponto, arrolamos vários indícios relacionados aos resultados da variável faixa etária que apontam para a tese de que a concordância verbal de 3ª pessoa do plural, em Pelotas, apesar de parecer estável, numa observação mais geral ou superficial, está, de fato, sendo adquirida gradualmente. Em amostras urbanas, os resultados da variável faixa etária têm apontado para variação estável, a exemplo do que ocorre nos trabalhos de Monguilhott (2001) e de Barden (2004). A pesquisa de Monguilhott (2001) foi realizada em Florianópolis, com informantes estratificados de acordo com as variáveis sociais gênero, idade (15 a 24; 25 a 45 e 52 a 76) e escolaridade (4 anos de escolarização e 11 de escolarização); a de Barden (2004) foi desenvolvida em Porto Alegre, com base em 24 informantes estratificados conforme gênero, idade (26-49; 50-65) e nível educacional (Ensino Fundamental e Médio).

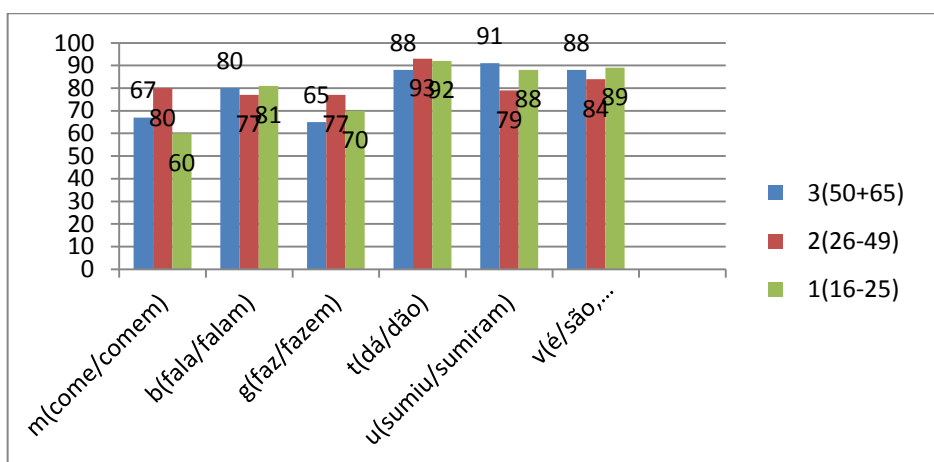
Na sequência, analisaremos outra sub-hipótese: *a concordância verbal de 3ª pessoa do plural, em Pelotas, está associada à escala de saliência fônica, de modo que as formas mais salientes apresentam maior probabilidade de concordância.*

Embora a escala de saliência fônica tenha sido proposta por Lemle e Naro (1977), pensando em perda da concordância verbal no português popular brasileiro, concordamos com Guy (1996), ao afirmar que essa escala representa graus de facilidade de aquisição, e não de perda. Devemos lembrar que os dois trabalhos discutiram resultados ligados a falantes que

então frequentavam o Mobral, portanto, pessoas adultas com pouca ou nenhuma escolaridade anterior.

A saliência fônica foi selecionada como estatisticamente significativa pelo programa Varbrul, cujos resultados constam na tabela 1 e evidenciam que a hierarquia de saliência fônica, conforme proposta por Lemle e Naro (1977), aprimorada por Naro (1981) e por Guy (1981), praticamente é sustentada pelos dados do Banco de Dados VarX. Cruzando saliência fônica e faixa etária, a fim de podermos analisar a hipótese e sub-hipótese supracitadas, encontramos os seguintes resultados.

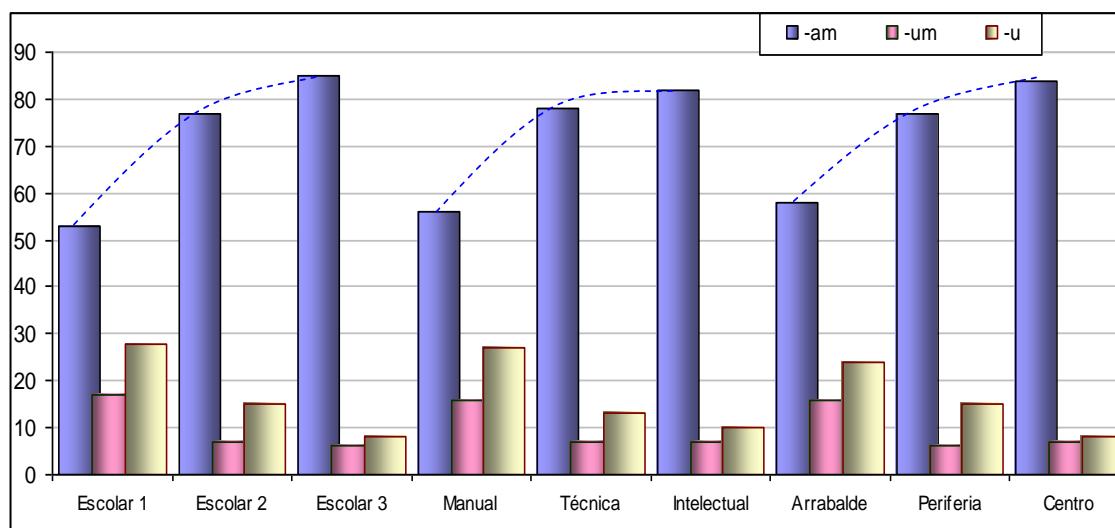
Gráfico 2 – Aplicação de concordância verbal, segundo o cruzamento das variáveis saliência fônica e faixa etária (em percentuais)



Podemos observar que há uma pequena oscilação de emprego de desinências verbais de 3ª pessoa do plural entre as distintas faixas etárias nos diferentes níveis de saliência fônica: ora uma faixa etária, ora outra utiliza mais desinências verbais de 3ª pessoa do plural. Por conseguinte, fica difícil afirmar que os resultados da variável indicam aquisição de desinências verbais de terceira pessoa do plural. Todavia parece haver uma relação entre presença de concordância verbal e a gradação das formas, segundo a sua saliência, pois, em linhas gerais, aumenta o uso de desinências, conforme o grau de saliência fônica.

Dando continuidade, Analisaremos outra sub-hipótese: *a concordância verbal de 3ª pessoa do plural, em Pelotas, está associada à classe social (com base na renda, patrimônio, escolaridade e ocupação do informante).*

Gráfico 3 – Importância dos componentes ‘zona de residência’, ‘escolaridade’ e ‘ocupação’ para a definição de classe social no VarX – Pelotas (em percentuais)



Com base nesse gráfico, observamos que, para o emprego da variável dependente -am, que abrange todos os verbos terminados em -am (brincam), -ao (são), -em (fazem), a escolaridade é determinante e se sobrepõe aos demais indicadores sociais (ocupação e zona de residência), de modo a diminuir o surgimento das demais variáveis não padrão: -um (brincum), -u (brincu). São, conseqüentemente, os informantes da amostra que residem no centro, com maior escolaridade e ocupação intelectual, que mais usam desinênciade padrão de 3ª pessoa do plural.

Classe social foi a única variável social considerada estatisticamente relevante na rodada com concordância *versus* sem concordância verbal de 3ª pessoa do plural, cujos resultados constam da tabela 1 e dão indícios de que a presença de concordância verbal de 3ª pessoa do plural, com base no Banco de Dados VarX, em Pelotas, está associada à classe social. A classe média alta, com percentagem de 89% e peso relativo de 0,68, favorece o emprego da concordância verbal de terceira pessoa do plural, enquanto as demais classes – média baixa e baixa – inibem o uso de desinênciade dessa forma verbal.

O cruzamento das variáveis classe social e faixa etária demonstra que há um comportamento linguístico bastante próximo entre uma classe e outra nas distintas faixas

etárias quanto ao emprego de desinências de terceira pessoa plural. Nas três faixas etárias, são os informantes da classe média alta que utilizam mais formas de 3ª pessoa do plural, seguidos dos da classe média baixa, e por último, aparecem os da classe baixa.

Outro cruzamento, agora, entre classe social e gênero, mostra que as linhas de tendência feminina e masculina, nas diferentes classes sociais, praticamente se sobrepõem, pois os percentuais de ambos os gêneros, nas distintas classes sociais, é muito próximo. As mulheres das classes médias aplicam mais desinências verbais de 3ª pessoa do plural em relação ao gênero masculino, mas na classe baixa, a relação entre os percentuais se inverte: são os homens que usam maiores percentuais de emprego de formas de concordância verbal.

No estudo de Amaral (2003), em todas as classes, as mulheres utilizavam mais marcas de concordância verbal em relação aos homens. Nas classes médias, todavia, o padrão de concordância masculino se aproximava mais do feminino, o que levou o autor a concluir que o comportamento de ambos os gêneros nas distintas classes sociais poderia ser um indício de que haveria uma distinção meramente cultural entre homens e mulheres, principalmente na classe baixa.

Fica difícil estabelecer mais comparações com outros estudos, já que a variável classe social ainda tem sido pouco estudada em pesquisas sociolinguísticas, também porque alguns pesquisadores, para defini-la, basearam-se em um único critério: escolaridade. Mas, atualmente, a sua importância já foi atestada e critérios para sua definição estão sendo estabelecidos, a exemplo de como procedeu Amaral (2003), que a definiu, tomando por base renda, patrimônio, escolaridade e ocupação do informante.

A próxima sub-hipótese a ser discutida é a que associa a concordância verbal de 3ª do plural à escolaridade do informante. Mas, dado que ‘escolaridade’ representa a variável classe social, neste estudo da concordância verbal de 3ª pessoa do plural, não há por que discutirmos com profundidade esses resultados, pois eles já foram apresentados e analisados como sendo os de classe social.

Em linhas gerais, a escolaridade tem relação com o emprego de formas da 3ª pessoa do plural, independentemente de essas formas serem ou não padrão, pois, à medida que sobe o grau de escolarização, os informantes da amostra empregam mais formas de 3ª pessoa do plural. Somente os informantes com ensino superior da nossa amostra favorecem o emprego de desinências verbais de 3ª pessoa do plural, enquanto os indivíduos dos níveis médio e fundamental inibem esse emprego. A nossa expectativa era de que os informantes com ensino médio também mostrassem pesos relativos favoráveis ao emprego de marcas, como ocorreu

em estudos com amostras afins, a exemplo do de Monguilhott (2001) e do de Barden (2004). O trabalho de Barden (2004), inclusive, mostra que o efeito da escolaridade sobre homens e mulheres é muito semelhante: ambos apresentam aumento de probabilidade de concordância, à medida que aumenta o tempo de escolarização, o que também ocorreu com base na nossa amostra.

Cruzando faixa etária e escolaridade, observamos que, independentemente da faixa etária, são os informantes com nível superior que empregam mais formas de 3ª pessoa do plural. Parece, ainda, que a escola exerce maior pressão sobre as pessoas mais novas, pois o aumento de emprego de marcas vai dos mais velhos para os mais novos, de forma gradual, em todos os níveis escolares. Esse seria, então, um argumento a favor da hipótese de que a marca de 3ª pessoa estaria sendo gradualmente adquirida, justamente como um efeito da escolarização.

A concordância verbal de 3ª pessoa do plural, em Pelotas, está associada ao gênero do informante é a próxima sub-hipótese analisada. São, conforme prevíamos, as mulheres que empregam mais marcas de 3ª pessoa do plural, em Pelotas, em relação aos homens. Mas elas apresentam comportamento linguístico bem próximo ao deles, tanto em termos de percentagem, quanto de peso relativo. Esse resultado pode ser um indício de que, em Pelotas, não há um dialeto feminino e outro masculino em relação ao emprego da concordância verbal de 3ª pessoa do plural, apesar de, naquela comunidade de fala, o uso de desinências dessa pessoa parecer ter prestígio, como mostra a variável classe social: quanto mais alta a escala social do informante, maior o emprego de tais formas. Neste momento, é importante recordarmos o cruzamento entre as variáveis gênero e classe social. Mulheres das classes médias parecem empregar mais marcas de desinências verbais; somente na classe baixa, os homens usam mais desinências verbais em relação às mulheres, outro indício de que se trataria de variação estável, e não de mudança linguística, pois, conforme Chambers e Trudgill (1980), as mulheres tendem a ser mais sensíveis ao emprego de formas de prestígio, em situações de variação estável. Mas convém frisar que o papel das mulheres nem sempre é tão claro na literatura sociolinguística.

Portanto, como há diferenças pequenas em termos de percentuais e pesos relativos de emprego de desinências verbais entre os gêneros, com base nas 90 entrevistas do Banco de Dados VarX, em Pelotas, a concordância verbal de 3ª pessoa do plural não parece estar associada a gênero isoladamente. Resultados semelhantes foram encontrados por Barden (2004), em cujo estudo homens e mulheres alcançaram pesos relativos iguais de presença de

concordância verbal de 3ª pessoa do plural (0,50) e percentuais um pouco diversos: homens com 74% e mulheres com 78%. Nessa mesma linha, encontra-se ainda o trabalho de Monguilhott (2001), em que as mulheres obtiveram 81% de concordância (0,53), e os homens, 76% (0,45).

Em síntese, o que podemos depreender dos resultados da variável gênero para nossa hipótese sobre a aquisição de marcas de concordância verbal de 3ª pessoa do plural com base na nossa amostra? O fato de as mulheres empregarem mais formas com marca é um indício de variação estável (CHAMBERS; TRUDGILL, 1980), mas o cruzamento das variáveis gênero e faixa etária pode nos dizer algo diverso.

Em todas as idades, as mulheres são mais sensíveis ao emprego de desinências verbais de 3ª pessoa do plural. Uma provável motivação pode ser a sua responsabilidade na educação dos filhos. Na nossa amostra, há um crescimento de emprego de desinências verbais com o passar do tempo, embora haja um pequeno declínio entre as mulheres na faixa etária intermediária, mas, novamente ocorre um aumento maior de uso da forma verbal em estudo, entre as mais novas. O resultado desse cruzamento pode ser um indício de aquisição de marcas de concordância verbal de 3ª pessoa do plural, já que, de acordo com Chambers e Trudgill (1980), em uma variação em que os jovens apresentem percentuais maiores de uso de formas inovadoras, há possibilidade de mudança linguística. Mas, com base em nossa amostra, não são formas inovadoras as aprendidas; o que os jovens estão mostrando é que essa aprendizagem resulta da pressão da escola e da normatização. Talvez por isso, ou seja, por se tratar de aprendizagem da língua padrão, e não mudança linguística espontânea, os padrões esperados não apareçam.

Dando continuidade à discussão das sub-hipóteses relacionadas à presença de concordância verbal de 3ª pessoa do plural, avaliaremos se ela está associada à posição do sujeito na frase. Consideramos que a variável posição do sujeito em relação ao verbo afeta a concordância, principalmente, em função do fato de, no português brasileiro, a ordem canônica ser sujeito-verbo, e quando há uma inversão nessa ordem, sobretudo na oralidade, é comum o falante deixar de utilizar desinências verbais; além disso, sujeito distante do verbo pode fazer com que o falante, talvez por falta de atenção, deixe de realizar a concordância verbal.

Os resultados dessa variável mostram que a concordância verbal de 3ª pessoa do plural é favorecida com sujeito anteposto contíguo, o qual apresenta uma percentagem de 86%, e peso relativo de 0,58, resultado que condiz com o de outros estudos acerca da questão. O

sujeito anteposto não contíguo também favorece, ainda que levemente, o emprego da concordância verbal de 3ª pessoa do plural em Pelotas, trazendo uma porcentagem alta de concordância: 80%; mas, seu peso relativo fica um pouco acima de neutro: 0,51. Ressaltamos, todavia, que sujeito anteposto não contíguo aparece consideravelmente menos em relação aos demais fatores desse grupo no nosso *corpus*, ou seja, há 405 contextos com sujeito anteposto não contíguo, nos quais houve aplicação da regra em 327 exemplos. Esse resultado nos surpreende, uma vez que nossa expectativa era de que, quando houvesse material entre sujeito e verbo, ou seja, muitas palavras separando-os, a tendência fosse não flexionar o verbo de 3ª pessoa do plural. O sujeito posposto, com 50% e peso relativo de 0,20, inibe fortemente a concordância verbal de 3ª pessoa do plural em Pelotas. Isso significa que os 90 sujeitos do Banco de Dados VarX tendem a não marcar a concordância verbal de terceira pessoa do plural, no caso de o sujeito ser posposto, igual ao que acontece em outras variedades populares do português brasileiro, inclusive até nos dados do Nurc de São Paulo.

Resolvemos cruzar as variáveis posição do sujeito e classe social, com o intuito investigar como as distintas classes da amostra se comportam diante da posposição do sujeito, e observamos que, em todas as classes sociais, os informantes da amostra fazem menos concordância com sujeito posposto; a classe média alta apresenta 71% de concordância com esse tipo de sujeito, enquanto nas classes média baixa e baixa, os percentuais de presença de concordância verbal de 3ª pessoa do plural são inferiores a 50%: respectivamente, 48% e 32%.

Em termos gerais, os resultados de posição do sujeito vêm ao encontro dos achados de outros estudos realizados com amostras semelhantes à nossa, como os de Monguilhott (2001) e Barden (2004), e com amostras distintas da nossa, como o de Naro (1981), Naro e Scherre (2003 apud NARRO; SCHERRE, 2007), Rodrigues (1987), Bortoni-Ricardo (1985), Jung (2000), os quais têm mostrado que o sujeito anteposto ao verbo desencadeia mais marcas de plural; efeito inverso têm os sujeitos pospostos ou à direita do verbo.

Dessa forma, podemos concluir que nossos resultados dão suporte para a hipótese de que a concordância verbal de 3ª pessoa do plural, em Pelotas, está associada à posição do sujeito, visto que, com sujeito anteposto contíguo, há favorecimento de uso de desinências verbais de 3ª pessoa; com sujeito anteposto não contíguo, o peso relativo é próximo do neutro; enquanto com posposto, a concordância verbal de 3ª pessoa do plural é inibida.

Finalmente, discutiremos nossa última sub-hipótese: *a concordância verbal de 3ª pessoa do plural está associada ao tipo de discurso reportado, pois com base no que diz*

Amaral (2002), há mais marcas de concordância verbal no estilo mais próximo do formal ou de relações assimétricas.

Ao propor a análise dessa variável, esperávamos encontrar alguma relação entre ela e o emprego da concordância verbal de 3ª pessoa do plural, mas não conseguimos avaliar, de modo adequado, essa relação, em função de ter havido poucos contextos de discurso reportado no Banco de Dados VarX de Pelotas.

Nossa variável foi formulada com quatro fatores, dos quais, três apresentaram resultados que devem ser analisados com ressalvas, em função da quantia de ocorrências: poucos contextos totais. São eles: discurso reportado de pessoa próxima, com 33 ocorrências, discurso reportado de pessoa não próxima, com 18 ocorrências, e discurso reportado do próprio falante, com 30 ocorrências. Entre esses três fatores, ou seja, entre os com poucos contextos, o único que favorece o uso da concordância verbal de 3ª pessoa do plural, em Pelotas, é o discurso reportado de pessoa não próxima.

Diante da insuficiência de ocorrências de contextos com discurso reportado, fica difícil concluirmos algo mais concreto acerca da variável, embora haja relação entre ela e o emprego de desinências verbais de 3ª pessoa do plural, tanto que foi considerada estatisticamente relevante. Com base em nosso *corpus*, pudemos observar o que Amaral (2002) já havia proposto: realmente, há mais marcas de concordância verbal de 3ª pessoa do plural no estilo mais próximo do formal ou de relações assimétricas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fim de retomar os resultados relativos à avaliação da hipótese principal e suas sub-hipóteses, apresentaremos um quadro com as evidências que as sustentam e evidências que as refutam.

Quadro 1– Hipótese e sub-hipóteses sobre a presença *versus* ausência de concordância verbal de 3ª pessoa do plural

| Presença <i>versus</i> ausência de concordância verbal de 3ª pessoa do plural | Evidências favoráveis | Observações |
|---|-----------------------|---|
| 1. A concordância verbal de 3ª pessoa do plural, em Pelotas, está sendo adquirida gradualmente, no português contemporâneo. | SIM | Os indivíduos mais novos da amostra (16-20 anos com 83% e 0,52) usam mais formas com desinências em relação aos mais velhos (+ de 65 anos com 81% e |

| | | |
|---|-----|--|
| | | <p>0,49).</p> <p>Decréscimo de uso de formas verbais com marca zero, cuja direção é dos informantes mais velhos para os mais novos.</p> <p>Quanto menos idade, menos homens e mulheres empregam a marca zero com verbos na 3ª pessoa do plural. Inversamente, pode significar que estão, cada vez mais, falando português com marca, nessa pessoa verbal.</p> <p>Aumento gradual de uso de desinências verbais de 3ª pessoa do plural, em relação a Ensino Médio e Ensino Fundamental.</p> <p>A escola exerce mais pressão sobre as pessoas mais novas, pois, à medida que avançam nos níveis escolares, tem aumentado o uso de desinências verbais nessa pessoa, indicando que há um aumento em decorrência do efeito da escolarização.</p> |
| 1.1 A concordância verbal de 3ª pessoa do plural, em Pelotas, está associada à escala de saliência fônica, de modo que as formas mais salientes apresentam maior probabilidade de concordância. | SIM | Embora a hierarquia de saliência fônica não funcione exatamente como proposto, as formas mais salientes favorecem a concordância verbal. |
| 1.2 A concordância verbal de 3ª pessoa do plural, em Pelotas, está associada à classe social (com base na renda, patrimônio, escolaridade e ocupação do informante). | SIM | Classe média alta 89% e 0,68 Classe média baixa 81% e 0,46 Classe baixa 75% e 0,32 |
| 1.3 A concordância verbal de 3ª pessoa do plural, em Pelotas, está associada ao gênero do informante. | NÃO | Mulheres 82% e 0,51 Homens 80% e 0,48 |
| 1.4 A concordância verbal de 3ª pessoa do plural está associada à idade do informante. | NÃO | 16-20 anos 83% e 0,52 21-25 anos 83% e 0,52 26-37 anos 82% e 0,50 38-49 anos 79% e 0,45 50-64 anos 82% e 0,50 Mais de 65 anos 81% e 0,49 |

| | | |
|--|-----|---|
| 1.5 A concordância verbal de 3ª pessoa do plural está associada à escolaridade do informante. | SIM | Ensino Superior 89% e 0,68 Ensino Médio 81% e 0,46 Ensino Fundamental 75% e 0,32 |
| 1.6 A concordância verbal de 3ª pessoa do plural está associada à posição do sujeito na frase. | SIM | Sujeito anteposto contíguo 86% e 0,58 SN anteposto não contíguo 80% e 0,51 SN posposto 80% e 20% |
| 1.7 A concordância verbal de 3ª pessoa do plural está associada ao tipo de discurso reportado, pois com base no que diz Amaral (2002), há mais marcas de concordância verbal no estilo mais próximo do formal ou de relações assimétricas. | SIM | Reportado de pessoa não próxima 94% e 0,76 Discurso indireto 97% e 0,52 Reportado de pessoa próxima 91% e 0,42 Reportado do próprio falante 90% e 0,35 |

A presente pesquisa é importante na medida em que fornece pistas da variedade linguística falada em Pelotas/RS e também por prover argumentos à discussão que tem dividido os linguistas entre os que defendem o ponto de vista de que está havendo aquisição de marcas de concordância verbal de 3ª pessoa do plural e os que defendem a perda dessas marcas. E como podemos observar, a análise detalhada da variável faixa etária é de fundamental importância, quando o assunto envolve aquisição, ou melhor, aprendizagem de marcas, especificamente, marcas padrão de 3ª pessoa do plural, por pressão da escola e da normatização.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Luís I.C. *A concordância verbal de segunda pessoa do singular em Pelotas e suas implicações lingüísticas e sociais*. 2003. 181 p. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 2003.

AMARAL, Luís I. C. A importância de variáveis estilístico-discursivas para a análise de fenômenos lingüísticos variáveis. In: VANDRESEN, Paulino (Org.). *Variação e mudança no português falado na região sul*. Pelotas: Educat, 2002, p. 47-68.

BARDEN, Liege Therezinha Vogt. *A variação na concordância verbal da terceira pessoa do plural*. 2004. 88 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *The urbanization of rural dialect speakers: a sociolinguistic study in Brazil*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

CASTILHO, Ataliba T. de. O português do Brasil. In: ILARI, Rodolfo. *Lingüística românica*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1997, p. 237-285.

CHAMBERS, Jack K.; TRUDGILL, Peter. *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

GUY, Gregory R. A questão da crioulização no português do Brasil. In: ENCONTRO DE VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA DO CONE SUL, 1., 1996, Porto Alegre: Ed. Projeto Varsul/UFRGS, 1996.

GUY, Gregory R. *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history*. 1981. 391 p. Tese (Doutorado em Linguística) – University of Pennsylvania, Philadelphia, 1981.

JUNG, Neiva Maria. *A concordância verbal no português falado (brasileiro) no município de Missal/PR*. 2000. 54 p. Trabalho de Pós-Graduação em Letras – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 2000.

LEMLE, Miriam; NARO, Antony J. *Competências básicas do português*. Rio de Janeiro: Mobral; Fundação Ford, 1977.

MONGUILHOTT, Isabel de Oliveira e Silva. *Variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala dos florianopolitanos*. 2001. 99 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, 2001.

NARO, Antony Julius. The social and structural dimensions of a syntactic change. *Language*, Nova York, v. 1, n. 57, p. 63-98, 1981.

NARO, Antony Julius; SCHERRE, Maria Marta (org.). *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2007.

NARO, Antony Julius; SCHERRE, Maria Marta. Variação e mudança lingüística: fluxos e contrafluxos na comunidade de fala. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas: IEL/UNICAMP, n. 20, p. 9-16, 1991.

RODRIGUES, Angela Cecília de Souza. *A concordância verbal no português popular em São Paulo*. 1987. 258 p. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 1987.

Data de recebimento: 19/02/2015

Data de aprovação: 25/05/2015